



A midiatização do Ebola: do local ao mundial pelo quadro do sensacional¹

Beatriz Alves dos SANTOS²

Jéssica Alana de MELO³

Pedro Pinto de OLIVEIRA⁴

Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

Causadas por seres microscópios que podem matar mais do que as guerras, as epidemias assolam o mundo de tempos em tempos. Como o atual surto de Ebola que se alastra pelo continente africano, atacando países já fragilizados por outros problemas sociais. Nesse trabalho buscamos fazer uma análise comunicacional dos valores nos sentidos construídos pela mídia sobre a epidemia, especialmente os casos de saúde de “risco global”, o que nos estimulou a realizar essa análise. Utilizamos como conceito operador a noção de enquadramento de Erving Goffman cujo eixo central é o paradigma relacional da comunicação, estudados em sala de aula, a partir da seleção de notícias apresentadas pelo “Jornal da Globo” sobre os casos do vírus ebola.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; telejornalismo; ebola; enquadramento; valores.

INTRODUÇÃO

Atualmente a África sofre com a maior epidemia de Ebola da história. Serra Leoa, Guiné e Libéria são os países mais afetados. O número de mortos pelo surto de 2014 é de 6.388 de 17.942 casos e cresce a cada dia. Os registros foram feitos pela OMS Organização Mundial da Saúde (OMS) até o dia 7 de dezembro de 2014 e divulgados pela mídia que desde agosto do mesmo ano faz a cobertura completa da epidemia. Principalmente depois que o médico americano infectado com Ebola foi para os Estados Unidos fazer um tratamento experimental.

Quando a OMS declarou, em agosto de 2014, a epidemia uma emergência de saúde pública global, a mídia mundial passou a relatar os fatos com maior frequência, seguindo o mesmo exemplo, o Brasil também cobriu a epidemia. O “Jornal da Globo” foi o jornal que mais se engajou em fazer a cobertura sobre a doença. Não apenas

¹ Artigo escrito na disciplina de Teoria de Comunicação II do curso de Comunicação Social da UFMT.

² Estudante de Graduação 3º. semestre de Comunicação Social da UFMT, email: beatriz.a.santos.7@gmail.com

³ Estudante de Graduação 3º. semestre de Comunicação Social da UFMT, email: jes29me@gmail.com

⁴ Professor Doutor em Comunicação e do curso de Comunicação Social da UFMT, email: ppo@terra.com.br



mostrando a doença e dando preferência aos casos que ocorreram fora do continente africano, e sim relatando todas as suas implicações, desde econômicas à sociais, por hora desmistificando o mito, por hora promovendo-o.

Primeiramente, o presente artigo apresenta um breve panorama sobre o ebola, assim como o histórico da doença que mostra poucas informações a respeito e destacamos o fato do tema ter ganhado relevância a partir do enquadramento dado pela mídia nos casos dos médicos americanos tratados nos Estados Unidos com um medicamento experimental.

Dessa forma, se faz necessário elucidar a noção de enquadramento, nosso embasamento teórico para análise. Utilizamos a noção de enquadramento de Erving Goffman. Assim como os estudos teóricos de Vera França (2001; 2012), Carlos Carvalho (2009) e Mendonça e Simões (2012), que trabalham com o autor e sua noção. Nossa análise comunicacional é centrada no paradigma relacional da comunicação, no qual analisa como são construídos os quadros de sentido na interação entre o jornal e seu público, além do poder de influência da mídia de massa. Chegando aos processos metodológicos do artigo, no qual mostramos como conseguimos observar os detalhes dos enquadres dados à doença, visto pela noção de enquadramento e a partir de uma materialidade empírica. Logo após mostramos à análise das ocorrências, que dentre várias reportagens exibidas no Jornal da Globo, escolhemos oito. A partir dos enquadres dados à doença percebe-se as formas que o Jornal da Globo relata a doença, como o telejornal omite fatos e como dão relevância a outros pontos.

Por fim, chegamos as nossas considerações, mostrando também nossos achados, além de destacarmos o fato de que as análises comunicacionais não devem restringir-se apenas ao paradigma informacional, os estudos comunicacionais devem mostrar o processo de interação entre os sujeitos, seus locais e contextos, utilizando-se de todos os conceitos operadores dados a partir do paradigma relacional.

EBOLAMÍDIA

O *ebolavírus* é um filovírus que não possui classificação. Existem cinco espécies do vírus e seus nomes foram dados a partir de seus locais de origem. São eles *Bundibugyo*, *Costa do Marfim*, *Reston*, *Sudão* e *Zaire*, todos localizados no continente africano. A contaminação se dá por sangue, sêmen ou secreções do portador do vírus, por isso muitos profissionais de saúde que trabalham na contenção do vírus são infectados. Um dos motivos da doença ter se espalhado rapidamente pela África, é



devido à cultura das aldeias africanas que têm o hábito de lavar o corpo dos mortos manualmente em rituais fúnebres, dessa forma o vírus é transmitido a todos que tem contato com o corpo. Quanto aos sintomas não há uma especificidade, o que dificulta o diagnóstico. Mas, na maioria dos casos os infectados tem febre repentina, fraqueza, dor muscular, dores de cabeça e inflação na garganta.

Não existe vacina para o Ebola, mas a doença pode ser tratada até que o organismo do paciente reaja e combata o vírus. Hidratar o paciente, manter seus níveis de pressão sanguínea e oxigênio estáveis e tratar infecções que podem ser adquiridas no decorrer da doença, já que o vírus afeta o sistema imunológico do paciente, são as medidas tomadas para manter o paciente vivo até que ele se recupere. Ainda existe o tratamento experimental, soro Zmapp, desenvolvido por pesquisadores americanos e canadenses, mas não se sabe se o tratamento contribuiu na cura dos pacientes tratados.

Já ocorreram vários outros surtos de Ebola no continente africano, alguns deles noticiados e esquecidos pela mídia, mas o vírus continuou ativo, chegando a outros continentes e partir disso ganhou destaque nos meios de comunicação de todo o planeta.

O paciente zero do vírus ebola foi identificado em 1976 no Zaire (atual República Democrática do Congo), ano em que aconteceu o primeiro surto da doença que rendeu 318 casos e 280 mortes, o surto foi contido com a ajuda da OMS (Organização Mundial da Saúde). No mesmo ano, no Sudão, foi identificada uma variação do vírus que das 254 pessoas infectadas, morreram 151. Em 1995 ocorreu o segundo grande surto, também na República Democrática do Congo, matando 254 pessoas de 315 infectados.

Nos anos 2000 os surtos aumentaram exponencialmente. A taxa de mortalidade atingiu 90% em 2003. Pequenos surtos foram identificados no ano de 2012, em Uganda e na República Democrática do Congo. E em março de 2014, a OMS informou o primeiro surto na Guiné e o maior já identificado até então. Em 8 de agosto de 2014, a organização declarou a epidemia pelo vírus ebola uma emergência de saúde pública internacional, já que os países afetados não têm capacidade de gerenciar um surto dessas proporções.

No mesmo mês, quando médicos americanos que tratavam pacientes com ebola no continente africano foram contaminados, a maior epidemia de Ebola já registrada na história ganhou relevância na mídia mundial. Sua chegada aos Estados Unidos, pelo médico Kant Brantly e pela missionária Nancy Writebol, recebeu a cobertura dos principais canais de notícia norte-americanos que seguiram de perto a ambulância que



levava o médico infectado para fazer o tratamento experimental com o soro Zmapp em um hospital em Atlanta. Segundo Steve Brozack em um artigo publicado pela revista Forbes “A quantidade de cobertura da mídia que dois americanos infectados pelo Ebola receberam foi extraordinária. Talvez seja a maior atenção recebida por um estado de saúde na mídia moderna”.

O atual surto de Ebola não causa riscos a países desenvolvidos, é o que diz Renato Machado, segundo um especialista da para pegar o nome da OMS, na reportagem exibida no dia 7 de agosto de 2014. A mídia, segundo a blogueira Leslie Savan em um artigo publicado na revista *The Nation*, deveria mostrar que o Ebola é “uma doença horrível com uma taxa de morte terrivelmente alta porque até agora apareceu apenas na África, onde água limpa, quarentenas à força e suprimentos médicos descartáveis são raros”.

O *Jornal da Globo* critica de certa forma, a ênfase da mídia americana na cobertura do médico infectado, porém a mídia brasileira comete a mesma quando trata da suspeita do primeiro caso de Ebola no Brasil. O pesquisador e coordenador do programa de pós-graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva, Sergio Rego, disse para o boletim diário Informe ENSP em agosto de 2014, "Corremos o risco de, mais uma vez, culpar as vítimas em vez de as protegemos." Ele critica o fato de revelarem a identidade do suspeito, pois, esse alarmismo midiático pode criar uma situação de pânico, fazendo muitas pessoas não buscarem assistência médica com receio de serem expostos na mídia.

As principais causas da dificuldade de contenção do vírus são culturais e infraestruturais. No continente, várias aldeias infectadas acreditam que o ebola é causa de bruxaria, além de não aceitarem a entrada de agentes de saúde na comunidade para ajudar no combate ao vírus. O continente africano é que mais sofre com endemias e epidemias pela ausência ou insuficiência dos sistemas públicos de saúde. Mas seu principal problema é a pobreza e a precariedade nas condições de vida do povo africano e a incapacidade dos governos dos países africanos de cessarem os problemas. Sem contar os conflitos entre povos que muitas vezes se transformam em guerras civis. Esses fatores que contribuem com a disseminação de doenças tão graves na África muitas vezes são ignorados pela mídia tradicional que, ao invés de tentar desmistificar a doença, a promove, como diz Lesli Savan em seu artigo para *The Nation*.

ENQUADRAMENTO: A VISADA COMUNICACIONAL



Elucidar as abordagens midiáticas dadas ao ebola nos faz *a priori* trazer alguns conceitos que justificam os métodos e as fundamentações teóricas explanados em nosso artigo. A fundamentação de nossa abordagem está na explicação de algumas noções centrais de enquadramento, no entanto, por meio dele, outros conceitos também serão acionados.

O conceito de enquadramento de acordo com Ricardo Fabrino Mendonça e Paula Guimarães Simões (2012) iniciou-se com o antropólogo G. Bateson que desenvolveu o conceito de diferenciação entre duas condições no processo comunicacional; de acordo com França (2012) Bateson distingue: o nível do conteúdo e o nível da relação.

[...] O nível metalinguístico diz respeito ao modo como a própria mensagem repensa a linguagem, por meio de elementos implícitos e explícitos. O nível meta-comunicativo, por sua vez, envolve elementos que definem a própria relação estabelecida entre os falantes [...] (Mendonça e Simões, 2012, p.188).

O metacomunicativo mostra a comunicação feita sobre outra comunicação; demonstrando o que está acontecendo na cena, ele enquadra a mensagem. Segundo França (2012) a partir de observações sobre o comportamento de alguns animais (lontras, macacos), Bateson notou em sua pesquisa que isso só acontecia por que os animais estabeleceram entre si uma linguagem por meio de sinais que determinavam o fato de ser só uma diversão.

Erving Goffman enriquece o conceito de enquadramento, pois, segundo Vera França (2012), “o autor apresenta os quadros debruçando [...] na experiência dos indivíduos no seio da vida social, e o conceito de quadro vai ser utilizado para se referir aos princípios ordenadores de nossa ação no mundo”. (p.12). Mendonça e Simões complementam:

[...] O objetivo de Goffman não é o de investigar grandes estruturas e sistemas sociais. Seu foco incide sobre as pequenas interações cotidianas que organizam a experiência dos sujeitos no mundo, os quais se deparam, em toda situação, com a questão: “O que está acontecendo aqui?”. Para o autor, o enquadramento é justamente o que permite responder a essa indagação [...] (Mendonça e Simões, 2012, p.189).

O enquadramento definido por Goffman mostrará o sentido que damos a decorrente situação. O querer entender o que se passa nos faz usar os quadros disponíveis em nossa cultura. A interação estabelecida ao captarmos a mensagem, bem como, compreender o que ela retrata mostra a relação estabelecida entre os sujeitos. Como França salienta o processo interativo entre sujeitos tanto individuais quanto



coletivos assinalado pela reflexão afasta o modelo emissor- mensagem- receptor e assim a crença de laços fechados de determinação e emissores com o domínio de manipular.

Assim percebe-se que o viés comunicacional não se fundamenta apenas nessa estrutura informacional, passa-se a utiliza-lo pelo paradigma relacional que é um procedimento de sentidos entre quem passa a informação e quem a recebe, baseado pelo momento de interação e pelo contexto social e histórico. Desse modo, por meio do movimento, (rel) ações e articulações, o processo comunicacional ganha esse novo embasamento analítico que não se limita ao informacional, traz consigo um dinamismo entre interlocutores, receptores e o texto, compartilhando sentidos entre os sujeitos. [...] O fenômeno comunicacional, é compreendido como uma globalidade em que os elementos se afetam mutuamente na relação, se reconfiguram e reconfiguram a sociedade.

Ainda sobre a interação entre os sujeitos, Goffman destaca também os conceitos de *Frame e Footing*. São eles os pontos formadores dos enquadres que possibilitam a demarcação do caso pelos sujeitos. Como elucidada Goffman (1986) *apud* Mendonça e Simões 2012, p.3, *Frame* é [...] o conjunto de princípios de organização que governam acontecimentos sociais e nosso envolvimento subjetivo neles [...] e *Footing* é construído e transformado a partir dos discursos dos participantes de uma interação e está diretamente ligado aos enquadres dos acontecimentos. (2012, p.4). *Footing* é usado por Goffman para denominar a posição dos sujeitos em respectiva situação. Nesse sentido, *frames* e *footings* devem ser articulados baseados em análises sobre as reflexões das interações. Nessa dinâmica estabelecida entre os sujeitos vale ressaltar também sobre os valores passados pela televisão, pois, segundo Vera França [...] A televisão tanto reflete os valores, problemas e tendências de uma sociedade em determinado momento, como exerce sobre ela um papel constituidor, influenciando comportamentos, ditando temáticas e modismos [...] (FRANÇA, 2012, p.3).

A autora explica que devemos compreender que há distinção entre valores e normas e de acordo com J. Habermas (1997) *apud* França, [...] as normas nos indicam o que fazer e são revestidas de um caráter obrigatório (sentido deontológico), enquanto os valores indicam preferências intersubjetivamente partilhadas e definem certos bens como mais atrativos que outros [...] (FRANÇA, 2012, p.11). Deve-se estabelecer essa distinção entre normas e valores porque diferente do primeiro, o segundo serve para diferenciar comportamentos, consentindo maleabilidade na avaliação das mesmas.



Goffman ao explicar sobre enquadramento também apresenta os quadros primários; para o autor, estes são os iniciais enquadres que possuem os pontos principais de uma cultura, e por estabelecerem essa introdução, esses quadros não passam ou recebem interpretações prévias. Para Vera França [...] Encontramos aí a aproximação entre as noções de quadros e valores, e nos damos conta de que a leitura de um quadro nos permite apreender os valores sobre os quais ele se apoia e as forças que ele articula (FRANÇA, 2012, p.13). E na percepção sobre as leituras presentes, nos quadros das notícias, sobre o ebola que observamos os valores culturais adotados pelo telejornal, não só pela forma que a notícia é abordada, mas, também pela forma que ela é “subdividida” e assim rerepresentada por diferentes enquadres.

As matérias bem como, as estruturas das notícias mostram de forma clara o posicionamento do telejornal sobre o ebola que só ganha relevância quando se tem a possibilidade de haver um caso no Brasil. Do mesmo modo, observamos a idêntica atenção quando a doença está presente em outros países como Espanha e Estados Unidos. O valor refletido no grau de importância, dado ao ebola mostra duas problemáticas iniciais detectadas por nós. O primeiro é que mesmo o surto da doença estando presente há duas décadas, ele não alimentou o interesse da mídia até ganhar o possível diagnóstico de pandemia, ou seja, poder atingir os países ricos. O segundo é que o Jornal da Globo, além de demonstrar o primeiro ponto salientado, ainda o articula dando para a doença enfoques jornalísticos irrelevantes, esquecendo-se da real gravidade enfrentada pelos países africanos atingidos. O Jornal da Globo fala sobre o vírus ebola principalmente nos lugares pobres como um assunto brando, retratando a doença, a reportagens que não mereceria no momento a atenção dada pelo telejornal.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como se sabe, o surto de Ebola de 2014 não foi o primeiro no continente africano, no entanto, é o maior já registrado e que infelizmente ceifou várias vidas, atingindo dessa vez pessoas de outros continentes. Foi nesta apresentação das notícias sobre as vítimas e as demais informações exibidas pelos telejornais que conseguimos observar a forma e alguns outros detalhes que as informações sobre a doença eram transmitidas. Pelas articulações dos telejornais ao noticiar a doença conseguimos analisar as teorias estudadas em sala e deste modo, destacá-las em nosso artigo. No decorrer dos levantamentos bibliográficos e de materiais, notamos não apenas os



paradigmas relacionais utilizados pelos noticiários, mas também, os enquadres abordados para relatar sobre o Ebola.

Nesse período de levantamento observamos que diferente dos telejornais e outros meios de mídia o Jornal da Globo destaca com a doença correlações com outras áreas como a econômica e esportiva. Esse fato de intercalar o ebola por esses outros tópicos nos aguçou o desejo de tê-lo como nosso objeto de estudo, pois como salientaremos em nossas análises, o telejornal explica sobre os fatos do ebola colocando-o em uma linha de parâmetros que o desqualifica, principalmente aos casos do continente africano, que pelas pautas do telejornal ainda desce mais um degrau no sentido de importância pois muitas vezes os casos da doença nos outros países ricos se sobressaem, mesmo estes tendo apenas um caso da doença.

A definição de enquadramento pelos quadros da notícia, mostra como são dadas as informações e a forma como a reportagem é organizada como “evento” noticiário. Deste modo, será pelos enquadres que se observará a abordagem utilizada pelos operadores jornalísticos como a realização do entrelaçamento do assunto principal aos demais contextos. Os enquadres mostrarão claramente a identificação dos operadores jornalísticos em promoverem os recortes, que serão assim as narrativas noticiosas.

Os atores presentes nos noticiários elucidarão a relação estabelecida entre a notícia, o comunicador e o receptor. Vale esclarecer que esta relação vai além, desse simples “esquema”, pois atualmente como aprendemos a comunicação não se baseia somente em: emissor–mensagem–receptor. Como salientado ao invés do “simples” paradigma informacional, o viés comunicacional deve ser estudado pelo paradigma relacional, processo que é dialógico e que realiza a troca e interação dos conteúdos. Com o contexto no qual os sujeitos detêm papéis desenvolvendo produção. Como elucidada Vera Regina Veiga França:

A especificidade do olhar da comunicação é alcançar a interseção de três dinâmicas básicas: o quadro relacional (relação dos interlocutores); a produção de sentidos (as práticas discursivas); a situação sócio-cultural (o contexto) [...] (FRANÇA, 2001, p.16).

Nesse sentido, o viés comunicacional apresenta-se diferente do que antes era observado, ele estabelece muito mais que o dinamismo interacional, como Vera França esclarece têm-se uma nova abordagem que compartilha sentidos entre os sujeitos. França (2001) explana que temos o [...] lugar não apenas onde os sujeitos dizem, mas também assumem papéis e se constroem socialmente; espaço de realização e renovação da cultura [...] (p. 16).



O viés comunicacional mostra-se o quão rico e produtivo é para entendermos o que se passa (ou se tem) na interação dos meios de comunicação e o público. Assim, ao destacarmos as análises procuraremos elucidar não só os enquadres, e o que foi observado neles ou por eles, mas a interação estabelecida pelos operadores e atores do jornal, ressaltando assim, as peculiaridades e as contextualizações utilizadas pelo veículo noticioso analisado.

AS OCORRÊNCIAS

Das 18 notícias sobre Ebola exibidas no Jornal da Globo do período de 8 de agosto à 25 de outubro de 2014, selecionamos as que nos chamaram mais atenção:

08/08/2014	“Libéria decreta estado de emergência pelo vírus ebola”
29/08/2014	“Mais de 1,5 mil pessoas já morreram infectadas pelo vírus ebola na África”
10/10/2014	“Casos do ebola ao redor do mundo atestam falhas no sistema de saúde”
11/10/2014	“Exame vai comprovar se africano é o primeiro paciente com ebola no Brasil”
17/10/2014	“Marrocos adia Copa das Nações Africanas por causa da epidemia de ebola”
25/10/2014	“Epidemia do ebola pode impactar no preço do ovo de páscoa em 2015”

CONEXÕES: DO *EBOLAVÍRUS* AO OVO DE PÁSCOA

“O Ebola é mais um resultado da pobreza e da desigualdade”, é com essas palavras que Renato Machado finaliza a reportagem “Libéria decreta estado de emergência pelo vírus ebola”, exibida no dia 8 de agosto de 2014, a primeira reportagem sobre a epidemia de ebola do Jornal da Globo. A reportagem tem um tom dramático e amedrontador no início, isso traz um sentimento de pânico em quem assiste, dizendo que o vírus é altamente contagioso, mas logo acalma afirmando que as condições sanitárias do país influenciam muito na disseminação da doença, também salienta que, segundo um especialista da OMS, os países avançados têm condições de combater os infectados os isolando em um ambiente apropriado. Renato diz que o real problema está nos países infectados no continente africano e diz que muitos temem que médicos espalhem a doença, quase prevendo casos que acontecerão no futuro. Ele ainda diz que nos países afetados os profissionais de saúde não possuem roupas adequadas para se protegerem da contaminação, que muitos infectados se recusam em receber tratamento e que a Organização Mundial da Saúde está reunida para tomar uma posição



com relação ao assunto, a mesma ter decretou no mesmo dia a epidemia um caso de saúde pública internacional.

“Mais de 1,5 mil pessoas já morreram infectadas pelo vírus ebola na África”, de 3 mil contaminados, assim começa Christiane Pelajo ao anunciar a reportagem de Renato Machado. A reportagem também com um tom amedrontador, mas dessa vez mostrando as implicações econômicas que a epidemia causa, como na Nigéria que recebe muitos investimentos de empresas de petróleo que temerosos com a doença, diminuíram a produção e ordenaram o retorno dos funcionários. Empresas de transporte aéreo cancelaram voos para a Libéria, o Banco de Desenvolvimento Africano destinou 60 milhões de dólares investimento para ajudar no combate a doença, “toda a África precisa de investimento como um paciente precisa de soro”, essa comparação, econômica com algo relativo ao tratamento dos pacientes vítimas do Ebola, mostra que o continente sempre precisou e, agora, no contexto da doença, necessita mais ainda de ajuda e investimentos estrangeiros para manter a economia estável contribuindo no combate a epidemia.

Outra implicação do ebola, além de prejudicar a economia dos países afetados, chega ao Marrocos, o país pede para adiar a Copa das Nações Africanas da qual seria sede, mas a FIFA nega o pedido e pretende transferir o evento para África do Sul ou Gana, países que não foram afetados com o ebola, esse é um dos assuntos tratados em “Marrocos adia Copa das Nações Africanas por causa da epidemia de ebola”. Mas o que nos chama atenção nessa reportagem é a notícia de um homem com suspeita de ebola que fez um aeroporto de Madri ativar o protocolo de emergência, segundo Christiane Pelajo um homem que vinha da Nigéria começou a tremer, o passageiro foi levado ao hospital e, por medidas de segurança, o avião foi esterilizado, o homem foi diagnosticado com malária. A apresentadora diz “diagnosticado com malária” com um tom que demonstrava não ter importância, sendo que a malária mata uma criança a cada minuto na África e o número de mortos anualmente passa de 1 milhão. De acordo com a OMS, em 2012 foram 219 milhões de infectados no mundo todo, 660 mil mortes, 90% ocorreram na África. Essa doença causa tantas mortes quanto o ebola e é uma das causas da dificuldade de crescimento econômico na região. Podemos perceber que essa reportagem quis mostrar o quanto o mundo está preocupado com a epidemia, temendo que ela se espalhe por outros países e chegando a outros continentes, se tornando uma pandemia.



Analisando as reportagens do telejornal percebemos que há um recorte do próprio, em retratar sobre o Ebola, pois não de maneira consecutiva, mas, como uma definição de prioridade ele vai destacando os fatos. Podemos ver com clareza esse apontamento em: “Casos do ebola ao redor do mundo atestam falhas no sistema de saúde” que comenta inicialmente sobre o britânico vítima do ebola que morreu na Macedônia. Seguindo a questão de preferência, o relato sobre morte por causa do vírus fica somente nesses enunciados. Desse modo o repórter Renato Machado passa a explicar sobre os outros países ricos que também possuem casos da doença, no entanto a reportagem não retrata somente os relatos de biossegurança. Ela até se reporta ao modelo exemplar de prevenção, adotados pelos aeroportos norte-americanos que teve como objetivo principal, evitar que pessoas vindas do continente africano (e principalmente dos países contaminados) chegassem ao país sem serem vistoriados. Mas o ebola volta-se rapidamente ao enquadramento de “causador de uma fragilidade política”, pois ao chegar a países ricos como França, Grã-Bretanha, Espanha, Alemanha e Noruega, mostrou uma rachadura presente nos seus sistemas de saúde. Como o correspondente Renato Machado elucida, o ebola “levanta questões que, aparentemente, estes governos não estão preparados para responder”.

Nesse sentido, como o repórter afirma, o caso de ebola detectado na Espanha não abalou somente os responsáveis pela saúde, também fragilizou a Europa, pois, mostrou falhas de prevenção nos países desse continente, principalmente na “falta de preparo das autoridades nos aeroportos e no controle das fronteiras” como respalda Renato Machado. A falta de preparo também causou a insatisfação dos deputados franceses que já cobraram de seus superiores, ações mais produtivas como as realizadas pelos Estados Unidos, que como o Reino Unido enviou pessoas treinadas para o combate da epidemia. Pela sonoridade ao qual é pronunciada essa frase e pelos próprios efeitos de som adjuntos a ela, tem-se aparentemente, uma doença que alcança o grau de pandemia. Além de trazer a ideia de que os países europeus não estão preparados, tanto no quesito de biossegurança, como no político. A reportagem termina elucidando, “só para lembrar” sobre o grande números de órfãos nos países da África ocidental, e os 4 mil (até o momento da reportagem) mortos registrados no mundo todo.

O enquadramento dado se reporta tanto voltado em mostrar o ebola como um problema mais relevante, já que não atinge agora só os países africanos, que não percebe-se que mesmo o nome da reportagem sendo “Casos do ebola ao redor do mundo atestam falhas no sistema de saúde”, “ao redor do mundo” praticamente se



resume no noticiário, ao continente europeu e as boas ações dos Estados Unidos; desse modo, por não pertencer a esse mundo apresentado na reportagem os países: Guiné, Serra Leoa e Libéria, por exemplo, são salientados apenas junto ao número de órfãos.

A reportagem de 2 minutos e 13 segundos, “Exame vai comprovar se africano é o primeiro paciente com ebola no Brasil”, fala do resultado do exame que Souleymane Bah fez para confirmar se o africano está mesmo contaminado com ebola. O paciente foi em um avião da FAB (Força Aérea Brasileira) para o Rio de Janeiro para ser internado no hospital Evandro Chagas, fotos do paciente entrando no hospital são mostradas nesse momento da reportagem e dá detalhes de como está sendo feito o isolamento do paciente. O telejornal explica sobre os sintomas que são os mesmos de qualquer outra virose, ou seja, pode ser confundida facilmente e não tratada da forma adequada. Lilia Teles, a repórter, dá mais detalhes sobre o estado de Souleymane Bah, em seguida o ministro da saúde Arthur Chioro diz que o resultado do exame será divulgado a qualquer hora da madrugada.

A cobertura dada ao caso, aparentemente se faz completa, no entanto comparada aos casos dos Estados Unidos observou-se que o jornal realiza maior visibilidade aos doentes americanos, e assim, busca repassar os mínimos detalhes sobre o que ocorre no país. Diferente do possível caso detectado no Brasil, o repórter mostra a reação do poder político americano e adverte que o primeiro caso em Nova York e principalmente nessa cidade (um dos centros mais importantes do mundo) causou pânico entre os moradores, pois mesmo as autoridades certificando que não haveria risco de contaminação no metrô e no Boliche, locais onde Craig Spencer esteve na noite anterior passaram por averiguações. O telejornal no Brasil também não busca ressaltar o desinteresse dos governantes brasileiros em cuidar dos aeroportos e fronteiras para realmente realizar uma prevenção segura.

O *frame* das notícias do telejornal global se volta aos pacientes dos países no mesmo grau dos doentes dos três países mais afetados no continente africano (e às vezes até mais) como se houvesse igual número de infectados vivendo em semelhante situação de tratamento, de recursos etc.

Smith, 1974 *apud* (CARVALHO, 2009, p.7) explica que [...] os repórteres conseguem mais do que fazer um acontecimento público; eles definem o que é e quais os *happenings* amorfos que fazem parte do acontecimento [...]. Erving Goffman usa ainda o termo *key* para identificar os modos e acordos do qual uma ação é modificada. *Key* seria então a atualização, desses quadros primários.



Sobrepondo os enquadres iniciais a respeito da doença, o telejornal como elucidamos, faz do Ebola um assunto que intercrucza outros fatores, ao qual mostra em primeiro plano pacientes dos países ricos, como se estes fossem os únicos infectados do mundo, e realizam também reportagens ao qual o ebola afetou determinado setor.

Assim a doença é correlacionada à produção de cacau como, por exemplo, na notícia “Epidemia do ebola pode impactar no preço do ovo de páscoa em 2015” no qual o Jornal da Globo mostra que é provável haver um encarecimento no preço do chocolate e assim dos ovos de páscoa em 2015, já que os países que mais produzem cacau no mundo (Gana e Costa do Marfim) fazem fronteira com os países infectados (Guiné, Libéria e Serra Leoa).

Nessa reportagem podemos ver categoricamente a *Key* identificada por Goffman, pois costuram os fatos com articulações tão bem elaboradas que pelo decorrer da notícia até nos esquecemos da gravidade da doença e passamos a ver relevância no que é divulgado. A notícia traz também informações sobre o número de viagens ao continente, afirmando que esse setor ainda não foi atingido pelo Ebola. Esse recorte sobre a notícia nos recordou o que França chama de interface televisiva; segundo a autora [...] Interfaces são conectores. [...] A televisão, enquanto interface institui liames e possibilita encontros antes impensáveis; ela faz isto materializando formas, conformando produtos, instituindo novos modos de acesso e fruição [...] (FRANÇA, 2012, p.7).

Esse noticiário mostra claramente como os enquadres podem ser (re) elaborados, pois sabendo dessa ligação entre os países produtores de cacau e os afetados pelo ebola, se reorganizou o enquadramento que não se remete mais aos problemas de saúde, mas, ao financeiro. Por meio das notícias conseguimos ver os valores transmitidos pelo Jornal da Globo e desse modo os interesses particulares elencados pelo telejornal, que o diferenciou dos demais meios que retratavam sobre o tema, confirmando não apenas os apontamentos teóricos e analíticos elencados mas outros afins que concretizaram nossas considerações finais sobre o objeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como Vera França destaca é no sentido de observar o que está por volta dos materiais elucidados pela mídia que os estudos dos valores presentes nela se ressaltam como França elucida o surgir é mais relevante do que se expor ou impor normas, o discurso midiático é suavizado possibilitando nuances e estabelecendo distinções [...] ao



final, eles fundam normas, ou incitam mudanças. Valores, portanto, atuam claramente, porém indiretamente, na nossa ação e intervenção no mundo (França, 2012, p. 11).

São nas intervenções dadas a doença que se percebe os modos que o Jornal da Globo relata sobre o ebola, é como se omite-se toda a problemática social desencadeada nos países mais afetados pela doença e transmite-se os fatos como se fosse um problema passageiro, sem o grau de relevância que realmente têm. Assim o vírus ebola foi retratado de forma distorcida pelo Jornal da Globo, pois foi enquadrado a um problema político e econômico, e não de ausência dos princípios básicos de qualidade de vida, de biossegurança e de igualdade social.

Compreender o objetivo proposto pelo paradigma relacional, por meio das abordagens dos enquadramentos dado ao vírus ebola nos auxiliou observar este e alguns conceitos operadores presentes nos estudos da comunicação. Costurar as nossas observações aos conceitos, nos fez refletir não só sobre as apreciações desenvolvidas pelos pesquisadores em que nos embasamos, mas também fez com que passássemos a procurar outros meios para uma melhor compreensão de tais fundamentações.

Nesse sentido observamos também que se os conceitos operadores são usados com irreverência, podem originar reportagens que pela forma que for enquadrada, correlaciona de modo inadequado o assunto principal. Essa forma inadequada salientada aqui, se refere à relação que o telejornal, por exemplo, interagiu com o público, apresentando enquadres que não só, fugiram do motivo ao que se desencadeia o contexto, como também, distorceu o real motivo do vírus ebola ser tema de reportagens.

A mídia age assim, semelhante a uma balança que muitas vezes, delimita o que será relacionado, instituindo os valores, e mostrando somente o assunto da maneira que lhe convém. Entretanto, como vimos o problema não se limita na reprodução da notícia, mas na maneira que a “absorvemos” e como veremos o real motivo de se ter respectiva matéria.

Dessa forma, pelos diferentes enquadres do Jornal da Globo se vê ainda o vírus como algo presente apenas nos países ricos, abafando os vários casos na África e os demais problemas sociais presentes nos países do continente africano mesmo sendo eles os mais atingidos e frágeis diante o ebola.

REFERÊNCIAS



OKOLOSIE, Lola, *Ebola has infected public discourse with a new xenophobia*. Disponível em: <http://www.theguardian.com/commentisfree/2014/aug/04/ebola-public-discourse-xenophobia-midwives-nigeria>. Acessado em: 07/12/2014

SAVIAN, Leslien, *What's Behind the Media's Ebola Sensationalism?* Disponível em: <http://www.thenation.com/blog/180883/ebola-gets-oj-simpson-treatment#>. Acessado em: 09/01/2015

BROZAK, Steve. *Ebola Has Landed*. Disponível em: <http://www.forbes.com/sites/stephenbrozak/2014/08/05/ebola-has-landed/>. Acessado em: 08/12/2014

ORGANIZAÇÃO MÉDICO SEM FRONTEIRA. Disponível em: <http://www.msfc.org.br>. Acessado em: 04/01/2015.

ALBERTO, Ana; PRATES, Elsa e VIEIRA, Soraia, *Vírus Ébola - Febre Hemorrágica*. Disponível em: <http://evunix.uevora.pt/~sinogas/TRABALHOS/2003/Ebola.htm>. Acessado em: 03/01/2015.

CARVALHO, Carlos A. *O Enquadramento como Conceito Desafiador à Compreensão do Jornalismo*. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/R14-0206-1.pdf>. Acessado em: 02/10/2014.

FRANÇA, Vera V. *A TV e a Dança dos Valores: Roteiro Analítico para Tratar da Relação entre Televisão e Sociedade*. In: *Mídia, instituições e valores*. Ed: Autêntica Editora, Belo Horizonte, 2012.

FRANÇA, Vera V. *Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?* Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense N°: 5 - 2001. Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/314/195>. Acessado em: 12/10/2014.

FRANÇA, Vera V. *O Crime e o Trabalho de Individuação do Acontecimento no Espaço Midiático*. *Caleidoscópio-Revista de Comunicação e Cultura* N°: 10-2011. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/caleidoscopio/article/view/3705>. Acessado em: 12/10/14.

MENDONÇA, Ricardo. F., SIMÕES, Paula G. (2012), “*Enquadramento: Diferentes Operações Analíticas de um Conceito*”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 27° Número 79 (p.188 a 235) (2012). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf>. Acessado em: 12/10/2014.

JORNAL DA GLOBO. *Notícias do sobre o Ebola*. Disponível em: <http://globotv.globo.com/rede-globo/jornal-da-globo/>. Acessado em: 20/11/2014.